

# **Dr. Jeffrey Hudon, Arqueologia Bíblica, Sessão 13, Arqueologia de Deuteronômio e Josué**

© 2024 Jeffrey Hudon e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Jeffrey Hudon e seus ensinamentos sobre Arqueologia Bíblica. Esta é a sessão 13, Arqueologia de Deuteronômio e Josué.

O livro de Deuteronômio é uma série de três discursos de Moisés aos filhos de Israel à beira de sua travessia para Canaã, a terra prometida.

Quero apenas apontar o local do sepultamento, morte, morte e sepultamento de Moisés. E esse é o Monte Nebo. O Monte Nebo fica na Jordânia.

Na verdade, é como o Monte Carmelo, uma crista, uma longa crista que desce na descida para o Vale do Jordão ou para a fenda. Na verdade, existem dois picos no Monte Nebo, picos gêmeos. O pico ao norte é o local tradicional do lugar onde Deus mostrou a Moisés a Terra Santa.

Este foi, novamente, visitado pelos primeiros peregrinos e transformado em santuário no início do século IV, um santuário cristão e, eventualmente, um mosteiro. E ainda hoje permanece como um local de peregrinação muito importante para os cristãos. E, claro, Moisés também é muito sagrado para a população muçulmana, bem como, é claro, para o povo judeu.

Mas só um pouco sobre o Monte Nebo. Foi o local comprado pelos franciscanos, uma ordem católica, e escavado na década de 1930 por Sylvester Saller, um padre e arqueólogo americano. E isso foi publicado.

E então, várias décadas, ou muitas décadas depois, um arquiteto italiano veio e reconstruiu este memorial e o tornou muito maior, com resultados e reações mistas, mas preservou muitos dos antigos mosaicos bizantinos e outros enfeites. Esta é uma vista de Nebo, uma bela vista. E, claro, você pode ver a costa norte do Mar Morto, o Kerkar , o Kerkar Har Yarden, o vale ali, Jericó, e depois em um dia claro; isto é um pouco nebuloso aqui, você pode ver a região montanhosa e Jerusalém.

Quando você vai ao Monte Nebo e olha deste local, percebe que não pode ver tudo o que Moisés viu. E assim, havia um elemento sobrenatural em Deus mostrando a Moisés a Terra Santa. E parte disso, você pode ver, parte disso, novamente, foi um ato de Deus para permitir que Moisés visse toda a terra que seu povo habitaria.

Ok, o livro de Josué é, ou devo dizer que deveria ser, apenas uma fonte maravilhosa, maravilhosa para arqueólogos porque você tem novas pessoas se mudando para uma terra. E essas novas pessoas têm uma cultura material diferente. E eles estão fazendo; eles estão destruindo cidades e habitando essas cidades depois de serem destruídas e habitando a terra e novas aldeias e outros enfeites.

Assim, logo no início da história da pesquisa arqueológica, o livro de Josué desempenhou um papel muito importante. Os resultados foram, como você pode esperar, mistos.

Houve alguns altos e baixos no que diz respeito às descobertas, ao que foi encontrado e ao que não foi encontrado. Isto é, novamente, um resumo do livro de Josué, bem como apenas um percurso aproximado e simplificado do relato da conquista naquele livro. Agora, havia muita gente em Canaã durante este período da história, durante a conquista.

E, claro, sabemos sobre os cananeus. Sabemos que os cananeus estavam nos vales, tanto no vale do Jordão como, mais proeminentemente, na planície costeira. E também havia pessoas nos morros, grupos étnicos distintos, como o quê? Os perizeus, os jebuseus ao redor de Jerusalém, os amorreus, os gergeseus e os heveus viveram, novamente, nas montanhas.

Uma das tarefas arqueológicas difíceis, que creio que ainda não foi realizada, é identificar estas pessoas no registro arqueológico. Houve tentativas de identificar os amorreus como uma cultura material arqueológica distinta. Mas os outros, penso eu, as tentativas foram praticamente em vão.

O final do Período do Bronze, o período da conquista, por volta, digamos, de 1440, ou melhor, de 1400, é geralmente o mesmo tipo de cerâmica. Você tem utensílios cananeus locais, cerâmica de estilo cananeu e importações ou cópias cipriotas, cópias locais de importações cipriotas. E assim, não há uma diferenciação clara entre a cerâmica nas diversas áreas onde pensamos que estas pessoas estavam localizadas.

Então, podemos identificar um jebuseu de um hitita, de um amorreu, de um gergeseu? Atualmente, acho que não. Mas esperamos que, em algum momento, possamos encontrar evidências de formas distintas ou de produtos distintos que sejam identificados com essas pessoas. Mais tarde, na Idade do Ferro, especialmente no período do Ferro II, na parte final do período do Ferro II, as coisas ficam muito distintas.

Existem muitas mercadorias distintas que são identificadas, neste ponto, com moabitas, amonitas, edomitas, Judá, Israel e assim por diante. Agora, a conquista de Canaã é uma questão arqueológica interessante. E há três visões históricas básicas de como considerar o livro de Josué como história.

Existem muitos pontos de vista sobre a conquista de Canaã e muitos pontos de vista que são variantes desses três pontos de vista. E eu não perderia tempo mostrando a maioria ou todas elas, mas quero mostrar as três visões principais de como ler o livro de Josué como fonte histórica. A primeira é a chamada conquista militar unificada.

E os estudiosos que defendem esta visão, como John Bright aqui, sua história de Israel, acreditam que o livro de Josué é geralmente um registro fiel de eventos e reconhecem o livro como histórico. Agora, quem acredita nessa visão? Você pode ver muitos estudiosos mais antigos de gerações anteriores, incluindo Albright, Wright, John Bright, um dos alunos de Albright, e o estudioso israelense Yigal Yadin. Então, eles acreditam que se você puder ler Josué, geralmente é basicamente histórico e uma progressão de campanhas e eventos onde os israelitas entraram e, dentro de uma geração, se não antes disso, conquistaram o que o livro afirma ter feito ou afirma ter acontecido.

A segunda visão, que foi defendida inicialmente por estudiosos alemães, mais notavelmente Albright Alt e Martin Noth, e há a história de Israel de Noth, é o que chamamos de teoria da imigração pacífica. Esses estudiosos acreditam que o livro de Josué é uma versão condensada de eventos que acontecem durante um período de tempo muito maior e mais longo. E isto, há algumas gerações, e alguns ainda aderem a esta visão, tem um ponto atraente de concordar melhor com o livro dos Juízes.

Se você ler Juízes 1 e Josué, verá que são dois relatos diferentes do que realmente aconteceu quando os israelitas entraram na terra. E, novamente, mencionei isso antes, mas Albright Alt era o chefe do Instituto Arqueológico Alemão no Monte das Oliveiras, no Hospital Augusta Victoria. E ele olhava pela janela, provavelmente tomando seu café pela manhã, e via os beduínos chegando, trazendo seus rebanhos do deserto e comendo o restolho depois de uma colheita, depois que um fazendeiro colheu seus grãos.

E, claro, quando isso acontecia, as ovelhas e cabras depositavam o seu estrume e assim fertilizavam o campo. Então, houve uma espécie de troca entre os povos nômades e os agricultores. E ele pensou por um momento, ou provavelmente por muito mais tempo do que isso, e determinou que provavelmente foi isso que aconteceu na antiguidade, os israelitas vieram como um povo nômade e interagiram com os agricultores, e foi assim que se deram bem.

É claro que eventualmente haveria problemas e conflitos, e lenta mas seguramente eles se tornaram ou fizeram a transição de povos nômades para agricultores. O arqueólogo israelense Yohanan Aharoni concordou com esta visão e, inicialmente, Israel Finkelstein também. Desde então, ele se tornou mais controverso do que isso.

Agora, a visão final, que ironicamente é extremamente popular hoje entre a maioria dos estudiosos, estudiosos liberais e estudiosos seculares, olhando para este livro, é o que é chamado basicamente de visão da revolução social. Agora, é uma visão extrema, e inicialmente foi escrita como um artigo de George Mendenhall no *The Biblical Archaeologist*, uma publicação acadêmica chamada *The Hebrew Conquest of Palestine*. Mas o que ele acreditava, o que ele argumentava, era que os hebreus não eram pessoas que vinham para a terra ; em vez disso, eles eram indígenas.

Na verdade, eles eram cananeus. Então, esqueça a opressão. Esqueça o Êxodo. Os próprios israelitas estavam na verdade na terra, e na verdade eram, pode-se dizer, cananeus, ou sujeitos aos cananeus.

Na verdade, eles se revoltaram, criando uma revolta camponesa contra seus senhores cananeus, e assumiram o controle de partes da terra. Agora, Mendenhall foi seguido por outro estudioso, Norman Gottwald, que faleceu recentemente. Ele era muito, muito velho.

Ele escreveu um livro enorme chamado *As Tribos de Yahweh*, publicado em 1979 e dedicado ao povo do Vietnã do Norte. Ele era marxista, por isso sobrepôs a ideologia marxista ao Livro de Josué e novamente viu isto como uma revolução social dentro de Canaã – novamente, uma revolta indígena que criou o povo israelita.

Agora, existem muitas variantes diferentes desta teoria, mas muitos estudiosos defendem a ideia, a ideia, de que os israelitas eram indígenas. Eles não vieram de fora de Canaã. Eles estiveram lá o tempo todo e simplesmente derrubaram os senhores, ou as elites, e tornaram-se autônomos, por assim dizer.

Agora, há obviamente muitos problemas com esta visão e variações dela. Uma variação dessa visão que ouvi há alguns anos em uma reunião acadêmica, e eles acreditavam que o Egito, durante esse período, porque sabemos das cartas de Amarna (falaremos sobre elas novamente em alguns slides), tinha guarnições em Canaã. . Eles tiveram atividades em Jaffa, Aphek, Beit Shean e outros lugares também.

Esta visão sugere que os soldados egípcios que realmente trabalharam nessas guarnições se aposentaram, mais ou menos como os soldados romanos que se aposentaram durante o período romano e tiveram suas próprias comunidades. Eles se aposentaram e construíram seus próprios assentamentos na região montanhosa, e então você tem essa conexão egípcia, porque eles são soldados egípcios ou recrutas cananeus, com as guarnições egípcias, basicamente construindo suas próprias sociedades e talvez assumindo vilas e cidades em o mesmo tempo. Há muita imaginação entre esses estudiosos, mas realmente nenhuma base bíblica, e você quase não sabe por onde começar.

O meu próprio conselheiro, Anson Rainey, gostava de dizer que a ideia de uma teoria camponesa revoltante, a própria teoria, é revoltante, e não os camponeses. Mas de qualquer forma, em primeiro lugar, há um problema muito sério em sobrepor ou impor realidades geopolíticas modernas a um texto bíblico. Em segundo lugar, por alguma estranha razão, estes cananeus deslocados ou o que quer que fossem, estes povos indígenas, de repente, começaram a construir casas diferentes.

De repente, eles começaram a fazer diferentes cerâmicas e diferentes culturas materiais. E eles não deram continuidade a muitas tradições cananéias, mas eram distintos em muitos aspectos. Como você explica isso? Mais uma vez, as tradições bíblicas arraigadas de origem na escravidão e origem no Egito.

E há muitos outros argumentos também. Portanto, há muitos problemas, e qualquer pessoa com uma visão elevada das Escrituras simplesmente não poderia atribuir-se a esta teoria da revolução social. Mas, novamente, eu digo isso agora e explico agora porque está por aí, e atualmente é muito, muito popular, uma origem indígena para essas pessoas.

Agora, meu próprio conselheiro, o conselheiro israelense Anson Rainey, escreveu um artigo muito bom, tanto uma versão popular quanto uma versão acadêmica, defendendo evidências linguísticas, bem como evidências de cerâmica, mostrando que a origem dos israelitas era a leste da Jordânia, que eles se depararam. Eles eram transjordanianos, e isso mostra mais uma vez que não eram indígenas, mas estavam fora de Canaã, e eram recém-chegados. Então, essas são as três visões gerais que existem por aí.

Agora, vejamos as evidências arqueológicas da conquista. Mais uma vez, desde os primórdios da arqueologia, de facto, no final do século XVIII, Charles Warren, o nosso engenheiro militar britânico que escavou e estudou Jerusalém, fez algumas sondagens no local da Jericó do Antigo Testamento, Tell el -Sultan. E não há dúvida de que esta era a antiga Jericó por causa da nascente de Eliseu e de uma ocupação contínua ali em torno daquela nascente ao longo da história.

Você tem indicações claras de que esta era a antiga Jericó. E isso foi seguido por outro acadêmico britânico, na verdade três acadêmicos britânicos seguidos; John Garstang escavou Jericó na década de 1930. E não muito bem publicado, publicou uma série de reportagens no Liverpool Journal.

Mas ele argumentou que encontrou as paredes desabadas da época de Josué. E você pode ver aqui uma representação artística do que foi descoberto aqui. Duas paredes, uma parede superior e uma parede inferior, talvez semi-revestida.

Ele alegou que encontrou essas paredes desabadas e argumentou que a prova da conquista de Josué havia sido encontrada. E tudo estava bem e bem. A propósito, ele

escreveu um livro, Josué e Juízes, que também foi uma obra importante na década de 1930.

Mas 20 anos depois, outra arqueóloga britânica chamada Kathleen Kenyon, como já mencionamos antes, veio com novas técnicas e novas ideias para Jericó. Ela passou várias temporadas na década de 1950 escavando este local. Parece a superfície da lua aqui, com tantas escavações e escavações de tantas expedições diferentes.

Mas Kenyon cavou . Um dos lugares que ela cavou foi esta grande trincheira aqui. Ela iria determinar a história deste local escavando estratigraficamente, escavando estratigraficamente para baixo com muito cuidado e vendo todos os diferentes níveis. Novamente, o estrato ou os estratos e poder identificar e recriar a história da cidade.

Bem, descobri que suas conclusões basicamente afirmavam que Jericó, no final da Idade do Bronze, não havia praticamente nada lá. Não havia cidade a ser conquistada para Josué conquistar. Houve uma grande Cidade do Bronze Médio, digamos 200 anos antes, mas nada no final do Período do Bronze.

Tem havido muitas histórias. Ouvi muitas histórias sobre Kenyon e suas escavações. Uma coisa que mencionamos antes é que ela era agnóstica e também muito antissemita.

Então, ela não tinha muita vontade de comprovar os relatos bíblicos. Isso não significa necessariamente que ela tentou refutá-los, mas ela não simpatizava realmente com a Bíblia, nem com o povo hebreu ou judeu. Ela nunca terminou seus relatórios de escavação.

Ela publicou os dois primeiros volumes, e os três volumes finais foram publicados após sua morte. Mas mesmo durante as escavações, ela foi visitada por Olga Tufnell , outra mulher britânica que era arqueóloga e trabalhava em Laquis.

E Olga Tufnell disse, ah meu Deus, estou vendo toda essa cerâmica do Bronze tardio. E Kenyon diz, minha querida Olga, não é tarde, Bronze. Este é o Bronze Médio. Olga Tufnell supostamente estava escavando o mesmo tipo de cerâmica em Laquis, mas em sua escavação eles o reconheceram como cerâmica de bronze tardio.

Ou seja, cerâmica do período do Êxodo. Agora, Kenyon encontrou casas de Bronze tardio, ela encontrou tumbas de Bronze tardio, mas ela simplesmente disse que não havia uma cidade lá na época de Josué. Muito interessante.

Agora ela encontrou descobertas fabulosas. Ela encontrou uma torre e uma parede neolíticas e todos os tipos de tumbas antigas – descobertas fabulosas. Seus

despachos foram publicados pelo Telegraph e por vários meios de comunicação na Inglaterra e nos Estados Unidos e também foram altamente respeitados.

Ela era muito respeitada por seus colegas nesta época. Mas ela simplesmente obteve uma negativa ao encontrar fortes evidências da destruição por Josué.

Agora, o que ela fez com os dados de Garstang? Bem, Garstang aparentemente datou incorretamente seus restos mortais, que aparentemente foram muito anteriores. Então, o que achamos disso? Bem, em primeiro lugar, tudo aqui, exceto a torre neolítica, era geralmente feito de tijolos de barro. E Jericó, após a destruição de Josué, ficou aparentemente desabitada.

Você se lembra da maldição de Jericó nas escrituras. E assim, o estrato superior, a cidade do Bronze tardio, provavelmente grande parte dela foi destruída e simplesmente desapareceu devido à exposição aos elementos e à erosão e outros enfeites ao longo dos séculos. A segunda questão é o fato de que simplesmente não poderia haver uma cidade vazia aqui na época de Josué, com uma das fontes mais poderosas de toda a Terra Santa bem na sua base, a Fonte de Eliseu.

É impensável que as pessoas não morem aqui o tempo todo. E havia uma cidade aqui, não há dúvida disso. Simplesmente não foi claramente identificado arqueologicamente.

Outra teoria, outra explicação, devo dizer, para explicar a visão negativa de Kenyon, era que as muralhas da Idade Média do Bronze, novamente anteriores a Josué em cerca de 100, 200 anos, foram reutilizadas e permaneceram em uso durante o tempo de Josué. E a destruição daqueles representa na verdade a destruição da cidade sob os israelitas. Portanto, existem diferentes formas de lidar com Jericó.

É uma questão fascinante. Atualmente está sendo escavado por uma expedição italiana. Lorenzo Nigro lidera um grupo lá.

Ele tende a querer trabalhar com os períodos anteriores, concentrando-se nos períodos EB e Early Bronze. Mas Jericó, novamente, continua sendo uma espécie de enigma. Não creio que isso crie um problema sério para a arqueologia em relação à Bíblia por causa desses pontos que levantei e de outros também.

Agora, outros arqueólogos cristãos crentes tentaram mudar a datação da cerâmica ou ajustar coisas aqui e ali, com vários graus de sucesso ou fracasso. Mas não creio que Jericho represente um problema. Você gostaria de encontrar as belas paredes do Bronze Final desabadas e outros enfeites para concordar com o texto.

Mas acho que não há nada aqui que possa descartar ou desacreditar o texto bíblico. São apenas não-evidências em vez de evidências negativas, por assim dizer. Então, novamente, Jericó cria uma série contínua de questões.

Agora, se você olhar para a casa de Raabe, conforme descrita no livro de Josué, Raabe morava no muro. E agora notamos as duas paredes. Havia uma parede de revestimento e depois uma parede principal.

Ela poderia ter vivido entre eles. Ou o que poderia ter sido descrito no livro de Josué é na verdade uma sala de casamata. Muitas muralhas durante os tempos bíblicos, muralhas de cidades, eram na verdade duas fileiras paralelas de muralhas próximas umas das outras com salas dentro das muralhas.

E esta é, novamente, uma foto de Khirbet Qeiyafa, uma antiga casamata de ferro com duas paredes. E estes tinham portas de acesso. Agora, por que eles construíram isso? Bem, se houvesse uma ameaça, se um inimigo se aproximasse da cidade e houvesse uma ameaça, eles encheriam essas salas com escombros, formando uma parede extra grossa.

Mas em tempos de paz, eles usavam esse espaço para armazenamento, alojamento ou qualquer outra coisa. E assim, a casa de Raabe poderia estar numa casamata, ou poderia estar entre um revestimento e outra parede. Aqui está outro muro de casamata no topo de Hazor, datando da época de Salomão.

Sabemos também, devo salientar também que não mencionei no último slide, que sabemos que a conquista de Jericó aconteceu na primavera, porque, novamente, os espiões estavam escondidos na colheita do linho. E isso acontece na primavera. Então, sabemos que é essa época do ano.

Agora, creio que estes foram levados, são potes de armazenamento com grãos queimados dentro. E estas foram tiradas em Jericó, creio que pela escavação de Garstang. Agora, poderiam ter sido quenianos, mas também poderiam ter sido de Garstang.

O importante aqui é que se um inimigo destruísse a cidade e a incendiasse, eles levariam consigo todos os grãos e todos os itens que pudessem usar. Agora sabemos que Jericó foi o primeiro fruto. Foi dedicado ao Senhor.

Então, tudo foi destruído. Isto de Jericó sugere que veio das mãos de Josué e dos filhos de Israel porque o grão foi queimado. Não foi tomado como saque de guerra ou saque para ser comido pelos vencedores.

Então, novamente, muitas pequenas evidências parecem estar alinhadas com as Escrituras, embora Kenyan e alguns de seus discípulos digam que simplesmente não



havia o suficiente ali para chamar uma cidade na época de Josué. Ok, a próxima cidade que os israelitas tomaram depois de alguns reveses ou contratemplos foi a cidade de Ai. Agora, diferentemente de Jericó, que fica no vale do Jordão, a cidade mais baixa e mais antiga da terra, Ai ficava na região montanhosa.

E então, eles tiveram que subir a região montanhosa para chegar à próxima cidade cananéia. E conhecemos o relato, os israelitas foram derrotados por causa do pecado de Acã. Isso foi resolvido e então os israelitas foram vitoriosos.

E o rei de Ai foi, creio eu, morto e enterrado em escombros no portão da cidade. Ai apresenta um problema mais sério para a arqueologia porque simplesmente não há evidências da Ocupação do Bronze Final. Então, vamos descompactar isso um pouco.

Ai foi escavado pela primeira vez por uma senhora judia na década de 1930. É uma história meio triste. Ela escavou lá e morreu, infelizmente.

John Garstang, que também escavou Jericó, cavou algumas trincheiras em Ai. Ele escreveu um relatório, mas a cerâmica alegou ter encontrado cerâmica do Bronze Final. Essa cerâmica não foi encontrada.

E então chegamos à década de 1960. Um estudante queniano, um homem chamado Joseph Calloway, que era ministro batista e professor no Seminário Teológico Batista do Sul em Louisville, iniciou uma grande expedição de arqueólogos batistas ao local de Et-Tel, que foi identificado como um local de Ai. Et-Tel significa, novamente, o monte ou monte em ruínas.

Ai significa arruinado em hebraico. Portanto, o árabe, embora soe diferente, é o mesmo termo. Parece estar geograficamente a leste de Betel e tem todas as características de ser o local de Ai.

Então, Calloway escavou Ai de 1964 a 1972. E ele não encontrou nenhuma cerâmica do Bronze Final ou evidência de ocupação. Agora, como você lida com isso? Bem, há três, talvez várias possibilidades.

Um, Et-Tel, este site, não é Ai bíblico. Nós entendemos errado. Há outro site que possui evidências do Bronze Final ou de destruição durante esse período.

Agora, alguns estudiosos, e veremos alguns slides sobre isso, localizaram Ai em locais diferentes, Khirbet el-Muqatir, Khirbet Nisya, mas esses também têm problemas, na minha opinião. E acho que precisamos enfrentar isso de frente e dizer, ok, como vamos responder a isso? Bem, a segunda possibilidade é que a Bíblia tenha entendido errado. Que os escritores bíblicos criaram uma história, eles viram essas enormes ruínas neste local e criaram uma história para explicar por que as ruínas estão ali.

E que o relato bíblico da conquista de Ai é um mito, uma lenda, não uma história. E muita gente segue isso. Albright e outros sugeriram, bem, na verdade era de Betel que eles estavam falando, não de Ai, porque Betel parece ter sofrido a destruição do Bronze Final.

Essa é outra possibilidade. Uma possibilidade que me agrada foi sugerida por vários estudiosos, principalmente por Alan Millard na década de 1980. Agora, aqui está uma foto de Joel Calloway e dele em Ai, e aqui está uma foto do local, algumas paredes LB, paredes LB muito impressionantes, um templo e muralhas defensivas que datam do período dos Patriarcas.

Agora, Calloway escreveu um artigo no final de sua carreira que foi publicado na *Biblical Archaeology Review*, intitulado *Minha escavação em Ai valeu a pena?* E, infelizmente, Calloway aproveitou a segunda resposta para o problema. Ele disse, bem, a Bíblia entendeu errado. Isto simplesmente não aconteceu, e só temos que olhar para esta história como uma história, não como um relato histórico.

Ele era um cristão devoto, mas adotou o que acreditava ser ciência, uma ciência forte que mostrava que não havia aqui absolutamente nenhuma evidência de nada do período do Bronze Final. Isso não deve ter acontecido. Simplesmente não havia casas, nem paredes, nem nada que ele pudesse namorar.

Agora, mais tarde, ele encontrou dois estratos de uma aldeia israelita de Ferro I acima dos vestígios do Bronze Antigo. E por um tempo, ele pensou, bem, talvez o primeiro estrato desta aldeia da Idade do Ferro fosse a cidade cananéia, mas isso não funcionou tão bem. Então, ele encerrou sua carreira de uma forma meio triste.

Ele simplesmente não foi capaz de aceitar, você sabe, as evidências negativas. Mas Alan Millard, como mencionei antes, escreveu um breve relato de como ele acredita na compreensão deste, desta questão, deste ponto crucial. Em primeiro lugar, eu e Ettl, como sabemos, queremos dizer ruína.

Então, se você ler o relato, os israelitas atacaram a ruína. É literalmente o que a Bíblia diz. Além disso, Calloway e os outros arqueólogos que escavaram descobriram que os restos do Bronze Antigo, novamente, talvez 500, 600 ou 700 anos antes do Êxodo, estavam muito bem preservados e eram enormes.

Quão mais bem preservados estariam 3.000 anos antes? Ou mais do que isso, mais ou menos 3.400 anos antes. Então, ele argumenta, Alan Millard argumenta, que o local de I era na verdade um reduto improvisado, uma cidadela ou paliçada improvisada para onde as populações cananéias vizinhas se retirassem, para se defenderem contra esta incursão israelita. E isso, para mim, responde muito bem à questão do problema do I. Não foi ocupado durante o Período do Bronze Final, mas

foi usado como cidadela improvisada, fortaleza e reduto para os cananeus, talvez de Betel, talvez das vilas e cidades vizinhas.

E esse foi o tipo de última resistência, sua fortaleza ou reduto, devo dizer, contra ataques. E, claro, isso falhou, e os israelitas exterminaram-nos naquele local. Portanto, agora, no próximo ano, na próxima temporada ou daqui a 10 anos, as evidências podem apontar um caminho diferente.

Mas penso que o de Alan Millard, e mais uma vez, isto também foi proposto por outros, oferece o melhor exemplo ou a melhor resposta ao problema do Eu. Agora, a próxima grande cidade que os israelitas atacaram foi a cidade de Hazor. Aqui, a evidência é clara de que houve destruição. Na verdade, houve duas destruições: uma destruição anterior e uma destruição posterior.

Então, quer você tenha um êxodo antecipado ou tardio, você está aparentemente coberto aqui em Hazor. Hazor foi, novamente, a primeira grande escavação realizada pela própria comunidade arqueológica israelense. E foi liderado pelo diretor, Yigal Yadin, Yigal Yadin, novamente, um ex-general israelense na Guerra da Independência.

E isto foi tudo, esta foi basicamente a sala de aula para toda a segunda geração de arqueólogos israelitas. E descobertas incríveis e surpreendentes foram feitas. E onde quer que Yadin cavasse, havia muita imprensa e muita cobertura da mídia porque, por qualquer motivo, ele sabia onde cavar.

E ele tinha um dom especial para cavar e encontrar artefatos, descobertas e templos muito, muito incríveis e tudo mais. E mais do que isso, Yadin tinha uma forma maravilhosa de apresentar as suas descobertas ao público, tanto israelita como estrangeiro. Ele falava inglês e hebraico fluentemente e poderia acrescentar muito drama às suas descobertas.

E, e, e tornou-o uma aventura muito, muito emocionante quando ele relatou ambos em discursos. E devo acrescentar para nós que estamos agora em seus livros. Agora um pouco sobre Hazor.

Hazor era uma enorme cidade cananéia, chefe de todos aqueles reinos, como veremos daqui a pouco aqui. Esta é, novamente, uma planta superior de todo o site. Temos outra foto chegando.

A cidade alta havia duas cidades aqui, a cidade baixa e a cidade alta. A cidade alta tinha cerca de 20 acres, que era uma cidade muito grande na época do período bíblico do final do Período do Bronze. No entanto, a cidade baixa tem 180 acres.

E isso era simplesmente impensável, o tamanho daquilo era. Quando Garstang também fez algumas escavações lá, brevemente, ele pensou que se tratava de algum tipo de parque de carruagens ou campo de reunião. Ele simplesmente não conseguia entender ou acreditar que se tratava de uma cidade urbana, mas isso ocorreu durante o final do Período do Bronze.

Enorme, enorme. E veremos aqui uma foto melhor do site. Aqui está a cidade alta, que parece uma garrafa de Coca-Cola com uma espécie de tampa dobrada, borda dobrada e borda.

E então a cidade baixa, novamente, é esta área enorme aqui, adjacente à cidade alta. Então, quando Yadin e sua equipe começaram a escavar, eles escavaram a cidade alta e fizeram sondagens na cidade baixa e descobriram, não, este não é um campo de reunião ou um parque de carruagens. Isto tem templos, casas e paredes.

E era, era uma cidade enorme, enorme. Então, quando, novamente, quando Josué afirma que Hazor era o chefe da cidade cananéia, chefe de todos aqueles reinos, era, era, era uma cidade enorme, enorme. E assim, Josué e os filhos de Israel subiram até lá e destruíram Hazor.

Novamente, há evidências claras disso. Aqui está um ortóstato do nível cananeu em Hazor, um leão aqui retratado. Você pode ver a muralha do palácio, cananeu.

Então, você tem essa quantidade incrível de dados arqueológicos, uma camada de cinzas entre essas duas camadas de solo, e um ortóstato ou mesa de oferendas derrubado. E agora, Yadin afirmou que isso foi literalmente derrubado durante a destruição da destruição israelita. Então, Canaã, novamente, Jericó, novamente, tem uma espécie de local neutro no que diz respeito às evidências.

Ai, geralmente é uma evidência negativa, a menos que você entenda a sugestão de Millard. Mas Hazor é apenas um exemplo positivo e estimulante de arqueologia, mais uma vez colaborando e confirmando o relato bíblico. Mas penso que quando olhamos retrospectivamente para essas três cidades, podemos ver, novamente, a questão da arqueologia como um todo.

A arqueologia tem limitações e não pode provar tudo o que você deseja definir. Não pode mostrar tudo o que você deseja encontrar ou provar certos relatos bíblicos. Isso mostra evidências.

Novamente, às vezes fornece provas ou quase provas, como acontece em Hazor. Outras vezes não ajuda muito. Então essa é, novamente, uma das limitações da ciência.

Agora, na década de 1980, um arqueólogo israelense que mencionamos antes, Adam Zertal, fez um levantamento da região montanhosa de Efraim. Fica perto de Samaria. E, na verdade, seis volumes dessa pesquisa foram publicados agora em inglês, e um trabalho tremendo da sua parte.

Ele faleceu, infelizmente. Mas durante essa pesquisa, ele estava examinando o Monte Ebal e encontrou o que acreditava ser um altar, um altar da Idade do Ferro com muita cerâmica e muitos ossos de sacrifícios, e uma rampa que subia até o altar.

E então ele publicou isso preliminarmente e recebeu muitas críticas de outros arqueólogos que disseram que aquilo não era um altar. É uma torre de vigia. E Anson Rainey foi, em particular, muito crítico em relação às descobertas de Zertal.

A propósito, Zertal falou aqui na Universidade Andrews há muitos anos. Mais recentemente, Ralph Hawkins, formado pela Universidade Andrews, escreveu um livro sobre a estrutura do Monte Ebal e argumenta com Zertal que é um altar da época de Josué, na verdade, por inferência, o altar de Josué. Novamente, isso é mencionado no capítulo 8 de Josué. Nessa teoria, ouvi Ralph dar palestras sobre isso em conferências acadêmicas e receber algumas críticas por seus pontos de vista.

Mas, novamente, existem duas escolas de pensamento ou dois campos. Alguns acreditam que este poderia ser o altar, e outros, novamente, ainda defendem o fato de que se trata de uma torre de vigia. Este é um mapa da Campanha do Sul contra a Coalizão de Reis Cananeus.

E novamente, o dia em que o sol parou. E algumas dessas cidades têm destruições de LB. Alguns não.

Então, novamente, os resultados também são mistos. Agora, Josué também fornece muitas descrições de limites para as diferentes tribos. E Josué 15, é claro, diz respeito a Judá.

Já falamos sobre o Distrito Selvagem de Judá em outra palestra. E isto é, novamente, muito útil arqueologicamente para o estudo arqueológico para encontrar e escavar algumas dessas cidades e ver quando elas existiram. E isso ajuda a datar esta lista.

E há diferentes estudiosos que datam esta lista em épocas diferentes. Acredito que foi atualizado periodicamente. A lista que aparece em Josué no texto agora era uma lista atualizada do período da monarquia, provavelmente depois de Salomão, talvez durante o tempo de Ezequias, ou talvez até mais tarde.

Aqui está uma foto de Zertal novamente com o Monte Gerizim ao fundo e a famosa foto dos montes de Ebal e Gerizim e da cidade de Siquém, hoje Nablus, no centro. E

assim, antes de sua morte, Josué apelou para toda a nação. Você pode ver o anfiteatro natural lá.

A topografia faz deste um lugar ideal. Ele apelou para toda a nação nas últimas partes de Josué, nas últimas linhas de Josué, para permanecer fiel ao Senhor. Quanto a mim e à minha casa serviremos ao Senhor.

Enquanto Josué e os anciãos estavam vivos, eles o fizeram. Contudo, após a morte de Josué, as coisas desmoronaram — infelizmente, muito rapidamente.

Muito obrigado.

Este é o Dr. Jeffrey Hudon e seus ensinamentos sobre Arqueologia Bíblica. Esta é a sessão 13, Arqueologia de Deuteronômio e Josué.